

Trabalhadores foram sacrificados também nas igrejas

Oswaldo Coimbra
Jornalista e pesquisador da UFPA

A população de Belém se orgulha, com razão, dos conjuntos arquitetônicos dos quais fazem parte as igrejas de Santo Alexandre, do Carmo, das Mercês, e, a capela da Ordem Terceira dos franciscanos. Construídos, com refinamento, nos anos de 1600 e 1700, estes conjuntos monumentais são documentos arquitetônicos que atestam o desenvolvimento do antigo e complexo processo de formação cultural do Pará, dentro do qual a cultura européia dos colonizadores se sobrepôs à cultura indígena, original da Amazônia. Servem, portanto, para desmoralizar a imagem de nossa região veiculada internacionalmente como um espaço natural, ecológico, sem cultura.

No entanto, este sentimento de orgulho, embora legítimo, talvez devesse ser desfrutado com consternação. Pois, a construção destes conjuntos arquitetônicos consumiu muitas vidas humanas. Sobretudo, de quem atuou como operário, numa fase da História da Engenharia na qual os construtores dispunham apenas de equipamentos rudimentares. O empecilho não impediu estes operários de levantar prédios que ocuparam quarteirões inteiros de Belém.

Como sabe quem se preocupou em estudar o passado do Pará, foram os índios os operários das obras dos quatro conjuntos monumentais religiosos. Índios retirados, quase sempre à força, de suas tribos e instalados nas aldeias administradas pelos padres. Cinquenta mil trabalharam só para os jesuítas. Dos quais, 40.000 pertenciam a uma única tribo - a dos Nheengaibas.

Mas estes índios também trabalharam em propriedades das ordens religiosas, como fazendas de gado, engenhos de açúcar. E, num sem número de atividades com as quais as congregações enriqueceram, nos séculos XVII e XVIII, no Gram-Pará. Entre as quais: a fabricação e venda de manteiga de tartaruga, e, a exportação das drogas do sertão amazônico - cacau, baunilha, cravo etc. Por isto, as igrejas puderam dispor de adornos de altares pintados a ouro, como os das capelas de Santo Alexandre.

Para submeter os índios à dura disciplina do trabalho os religiosos - diz o teólogo católico e historiador Eduardo Hoonart, em "História da Igreja no Brasil"- partiam de um prisma não-evangélico, o da violência colonialista. A imposição de suas idéias aos índios - acrescenta o teólogo - correspondeu à implantação de um sistema de escravidão. Os sermões, os ritos e os símbolos dos missionários reduziram o índio hostil, inapto ao trabalho nos engenhos e nas fazendas, a índio manso, perfeitamente integrado aos projetos econômicos dos colonizadores, conclui Hoonart. Portanto, a evangelização, vista deste ângulo, correspondeu à domesticação dos índios, para posterior utilização da mão-de-obra deles.

Nas aldeias, onde viviam sob o domínio dos religiosos, os índios eram forçados a trabalhar - disse, em 1901, o historiador João Lúcio D'Azevedo, numa obra clássica da Historiografia do Pará, "Os jesuítas no Gram-Pará: suas missões e a colonização". "Por leves culpas os mandavam açoitar e meter em troncos", ele acrescentou.

Os padres, para não serem perturbados na utilização da mão-de-obra indígena, em suas aldeias e fazendas, se limitavam a murmurar qualquer coisa, quando presenciavam os frequentes abusos dos colonos durante as chamadas expedições de resgate. Aquelas com as quais os índios eram arrancados de suas tribos. "Era preciso exportar o cacau, o cravo, a baunilha, para virem os ricos paramentos, as imagens bem esculpidas, as ferramentas para os obreiros", diz D' Azevedo.

O historiador descreve o que acontecia naquelas expedições: os índios eram colocados nas canoas, amarrados. "E aí vinham águas do Amazonas abaixo as fúnebres esquadrihas. Expostos durante um e dois meses, sem cobertura, ao sol e à chuva imóveis, agonizavam os tristes. No seu desgosto, rejeitavam a escassa ração de farinha, que os algozes lhes distribuíam. De manhã, passava-se revista aos barcos, separavam-se os mortos, que eram lançados ao rio. Dava-se, então, pela falta de outros; (aqueles que) aproveitando o sono dos guardas, tinham podido erguer-se até a borda, precipitando-se na água, amarrados, como estavam de pés e mãos. A voraz piranha, o faminto jacaré, acompanhavam a frota, aguardando a hora da trágica refeição".

A metade dos índios morria naquelas penosas viagens, devido à fadiga e às privações, informa o historiador. Isto, quando as expedições eram bem sucedidas. Os sobreviventes, revela Domingos Antônio, num texto escrito no início do século XX, "Catequese de índios no Pará". "Com suor de seu rosto e a força dos seus braços, edificavam-se as igrejas, os conventos, os hospitais, os palácios, as fortalezas e os armazéns reais". Mas, se, depois, morriam, seus corpos "eram lançados nos rios ou mal enterrados nos matos, onde serviam de pasto para os animais", diz D' Azevedo.

Em dois momentos, o comportamento daqueles religiosos foi reprovado pela Igreja. Em 1714, o Papa Benedito XIV condenou o acúmulo de seus bens materiais, através da Bula Apostolicae Servitutis. E, em 1773, o Papa Clemente XIV chegou a extinguir a ordem dos jesuítas.